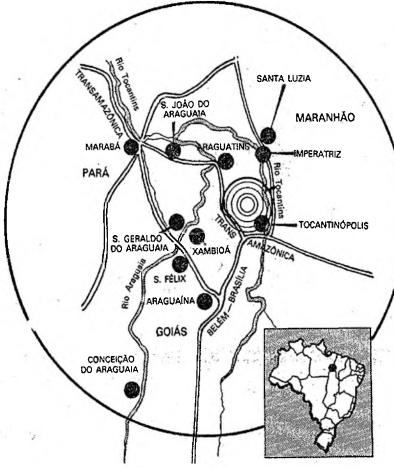
OS ÍNDIOS APINAJÉS E A COMPLICAD DIVISÃO DAS TERRAS DE SÃO JOSÉ CEDI-P.18

Eis a aldeia São José, dos apinajés



A localização da área que ameaça dividir ainda mais os índios e os fazendeiros

Norma Couri

S amigos nindô-pô e krânga-bréh há muito sabiam dos problemas do Capitão Gros-sinho, chefe indio há quase 20 anos da aldeia de São José. Porque, embora sejam ku-pen (estrangeiros), já viveram entre eles e escreveram teses, livros, muito sobre os panim ou Apinaje. Nindo-po (nome de heroi indígena) e kranga-breh (cabeça ver-

melha) são igualmente antropólogos que entre os civilizados (conceito assimilado pelo próprio Capitão Grossinho) são mais conhecidos como José Reginaldo Gonçalves e Roberto da Matta.

Problema é o Pai Grande (pode ser Deus ou o Presidente, do Brasil ou da Funai) que talvez nem chegue a ler a carta do Capitão, ainda não localizada nos "di-versos departamentos do órgão". Problema, ainda, é o criado quando

decidiu dividir o terreno (terra) historica-mente pertencente aos apinajes. Isto é, desde que a Funai nomeou em 1975 uma Comissão para cuidar da divisão.

— As reuniões dessa Comissão conta-

vam com o chefe do posto, políticos locais, o bispo, o prefeito e nenhum representante apinaje — dizem José Reginaldo e Roberto da Matta.

E assim, das propostas de demarcação a dos índios e de Roberto da Matta — foi considerada inaceitável pela comissão, a dos fazendeiros inaceitáveis pelos indios vingou a da Funai, conciliatória, mas nem

Os indios não se conformaram. Não que sejam preguiçosos ou ignorantes, como corre a lenda ou consta em alguns livros de História. Capitão Grossinho, 50 e poucos anos, é dos índios mais inteligentes que o antropólogo da Matta já conheceu.

— É aquele indio que todo antropólogo quer encontrar, o indivíduo que pensa na

sua sociedade, que usa seu poder com o exemplo, a palavra, a exortação. Se é preciso rocar a aldeia, Capitão

Grossinho é o primeiro a pegar o facão. Se há riqueza, Capitáo Grossinho é o primeiro a passá-la adiante. É o filósofo que ensina aos antropólogos

a lingua e os costumes Apinaje, além de generosidade e paciência.

 Nunca o vi expressar um gesto de revolta diante da insensibilidade dos políticos brasileiros em relação ao problema indígena, diz da Matta. Mas os apinajés foram diminuindo —

eram 4 mil 200 por volta de 1823 - as aldeias acabando — as de Santo Antonio, Cocal, Bom Jardim, Gato Preto, Botica foram exterminadas, sobraram as de São José e Mariazinha (já demarcada) — as terras encolhendo. Aos apinajés, que habitavam todo o extremo Norte goiano, do Araguaia ao Tocantins, quando os primei-ros visitantes la chegaram (há documentos datados de 1774), só coube hoje um pedaço de terra árida à direita da Transamazó-

Do tronco lingüístico Macro — Jé, um dos subgrupos Timbira (inclul Canelas, Gavioes, Krikaty, Krahó, Kayapó), os apinajes sobreviveram, mas ainda pao conseguiram provat ao "civilizado" que, quando

este chegou à região, já encontrou os indios. Nem conseguiram fazer vigorar a sugestão do viajante Thomas de Souza Villa Real em relação aos Pinaré ou Pina-gé "indios trabalhadores e fortes" de que com eles se fizesse paz "pois estes pode-riam abastecer as expedições". E a paciència também ficou reduzida na

proporção da redução das terras onde as casas de folha de babaçu e pau, forradas de esteiras cada vez encontravam menos espaço. E onde a caça de veado, paca, cotia, tatu se tornava mais dificil.

Terra para os apinajés é fundamental, por causa da caça, fonte de proteínas — dizem os antropólogos José Reginaldo e Roberto da Matta. A terra está integrada ao seu sistema de relações sociais, é como a caneta para o intelectual, como a enxada para o camponès. Numa sociedade tribal, terra não é bem transacionada no mercado. Faz parte do sistema mitológico. É sagrada"

É na terra que o sol é a lua criaram os homens, onde a muiher estrela desceu para ensinar agricultura, onde o primeiro homem aprendeu a arte de curar através de urubus que o levaram para o ceú e o trouxeram ("os apinajés mostram o — A terra não existe separada das pes-

soas, não é um lote em Ipanema, é o próprio grupo.

A área ocupada pelos apinajés, não demarcada, estimula a invasão de camponeses, fazendeiros. E a disputa pelo pedaço mais fértil (à esquerda da Transamazônica) os empurrou para a área de cerrado, arenosa, árida, abaixo do Ribeirão Grande, que com sua instrumentação rudimentar o indio não pode cultivar, nem consegue produzir.

A composição do GETAT (Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins) não inclui representantes interessadas realmente na questão da reforma. E toda sua concepção é de cima para baixo, diz José Reginaldo Gonçalves. "Assim, a reforma é sempre feita às custas do

Os antropólogos definem a questão mais ou menos assim: os camponeses estão sem terra, os indios estão perdendo a terra; se se equaciona o problema do cam-pones, também se equaciona o do índio. Mas há muito já denunciaram a técnica dos fazendeiros de encher a fazenda de posseiros e então declarar: "Viu só quanto posseiro? Por que dar terra para os indios se há tanto posseiro?" E assim tiram o indio da história porque do posseiro é

sempre mais fácil se livrar.

— Estava na região dos apinajes quando o plano do GETAT foi elaborado, no início do ano, e lá as pessoas ignoravam solenemente essa discussão ou tudo o que se passava em torno da reforma agrária — diz José Reginaldo. "Não sabiam o que se passava e provavelmente hoje devem continuar sem o saber. Só quem sabe é Brasi-lia. E os grandes fazendeiros."

Este é o equivoco: achar que os planos elaborados na cidade vão funcionar no

— E aí entra o problema da mediação — diz Roberto da Matta. "Quem a faz? Quem faz a mediação entre o nível regional e nacional? Brasília é uma coisa. Tocantinópolis é outra, muito diferente. A ilusão

brasileira é achar que a lei muda a realidade, mas as leis são feitas aos montes e a realidade continua lá, como está. Assim, os mediadores são os donos dos índios."

Os antropólogos dão um aparte: - Aqui nos não falamos em nome dos indios. Nos traduzimos o que eles dizem, usamos o jornal, por exemplo, ou uma reportagem que pode ou não ser publicada. Tentamos traduzir seu pensamento, somos os cavalos dos Apinajé. Mas não somos seus donos. Eles são capazes, e muito, de se organizar, de se articular. Não têm é voz. Nós somos seu microfone. Aliás, é esse o papel do antropólogo.

E onde fica, então, o papel do encarregado da Funal, em contato constante cóm os Apinajé?

Fica num papel mal definido, sem critério ou ética, entre a sociedade e o grupo tribal. Numa relação de ambiguidade com os regionais, ficam abandonados à patronagem. Muitas vezes são clientes dos fazendeiros, dependem deles para conse-guir médicos para seus filhos, transporte. (É sabido que lá em Tocantinópolis quem fica do lado dos fazendeiros "ou for esper-to" está com tudo, "só não dá certo se se mete com os índios). A expectativa é de que um branco fique naturalmente do lado dos brancos. Para o antropólogo é fácil ficar com os índios, ele está numa posição confortável, val e volta. Os encarregados da Funai ficam, têm filhos, moram lá. E assim, quando a corrente arrebenta, é sem-pre do lado do mais fraco, ou seja, do índio.

E fica a denúncia de que a Funai "é ainda a tutela do índio, e enquanto não mudar sua aspiração de tutelar para a de representar a situação vai continuar feia como está ou pior.

Porque o negociador do índio é ligado à Funai, que por sua vez é ligado ao Ministério, que é desenvolvimentista e quer terra para outros fins. E a coisa se resume num conflito de instituição — IN-CRA, Banco do Brasil, Funai etc. — deixando ao índio a chance de sobreviver através das brechas que a sociedade ofere-ce. Ou seja, as contradições entre as muitas agências de contato (Igreja, Estado).

Ou de sobreviver através de seus próprios conflitos e de seu próprio extermínio. Por exemplo, foi por causa de um massacre dos índios Krahó, na década de 40, organizado pelos fazendeiros locais, que o Governo de Goiás resolveu dar terras a essa tribo, mais ao Sul da região de Pedro Afonso.

- Essa a trajetória dos grupos oprimidos, como os índios, os operários, os camponeses, que eventualmente são jogados uns contra os outros (como no caso das terras entre índios e camponeses). A violência é o último elo da cadeia da exploração, quando abaixo desse grupo só se encontram a floresta, que não pode gritar, e os animais, que não falam. São os índios, parte da natureza, que ainda reagem, antes que a violência chegue a seu limite. O indio que enfrenta todo tipo de preconceito na cidade, todo tipo de idealização ecológica ou sexual, sendo ainda o índio da lata de biscoito Aymoré em muitos

Os antropólogos, a quem a carta foi endereçada, vêem nela um apelo sério ("suas crianças têm fome e estão doentes porque não têm proteína, proteína é caça, caça é terra e a terra ainda não foi demarcada. Se houver conflito, todo mundo sabe por que").

- E na Ciencia Social existe uma capacidade mínima de previsão: em 1970 — diz Roberto da Matía - eu alertei as pessoas para o conflito, quando demarquei a terra que os índios queriam ter, à esquerda da Transamazonica. Mas de nada adiantou. Tanto um quanto outro antropólogo

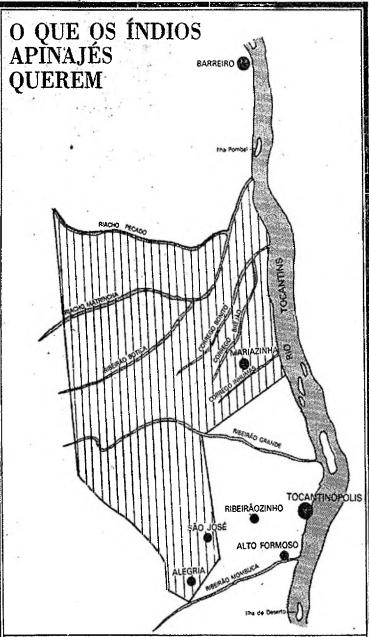
têm conhecimento da região e vivência entre os Apinajé. Da Matta trabaina com a tribo desde 1962 e José Reginaldo morou lá em 1978. Os dois relembram situações da época da criação da comissão da Funai. Os próprios relatórios do Grupo de Tra-

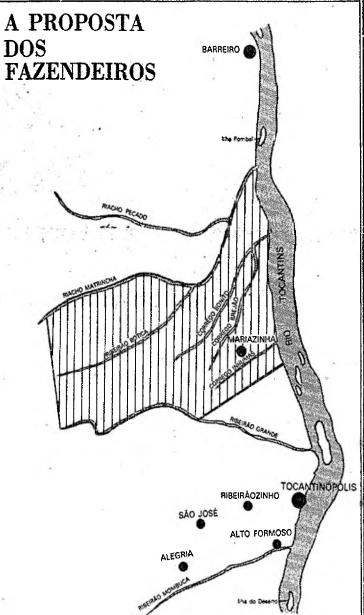
balho, datados de 27 de abril de 1976, "Ocupando uma área, rica ou não, os

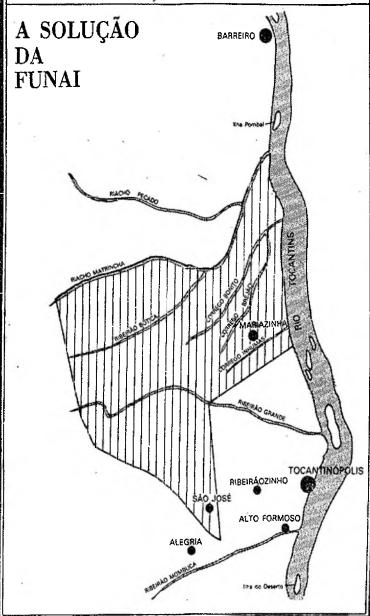
Apinajé, do ponto-de-vista da sociedade nacional, são um obstáculo, tanto à produção de babaçu com fins lucrativos, como à expansão da pecuária, pois os índios, apesar de o território ocupado por eles estar quase todo invadido, ainda insistem em mostrar resistência a esta situação."

O relatório ainda fala das dificuldades apresentadas no simples trabalho de medição daquelas áreas e dos problemas criados a partir da própria presença da comissão naquele município conflitado:

E ao aprovar uma demarcação que bem sabiam não ser aquela pretendida pelos índios apinajés, esperavam "com a ajuda de Deus, ter cumprido com o nosso dever", mas quatro anos depois a carta de Capitão Grossinho ("aqui está para sair briga, tá para morrer gente, aqui tá civilizado o indio") revelava não ter a comissão alcancado o seu fim.







DUAS CARTAS DE CAPITAO GROSSINHO

Aldeia São José, 2/10/80 NINDÔ-PÔ

Amigo Reginaldo, aqui vai tudo em paz e com saúde. Nós não estamos mutto alegre aqui só porque o nosso terreno nunca foi demarcado. Aqui nós estamos botando duro para que o nosso terreno seja demarcado do jeito que queremos e por onde nós falamos. Aqui a nossa preocupação mais forte é só o terreno, nós aqui nós queremos que a demarcação sai logo para nos não ficar mais (sitiados) pelos civilizados. Eles estão invadindo por tudo, en-

trando sem pedir nos. Muita gente quer entrar por tudo, quer entrar na força. Por causa disso nós duro nós não queremos abrir as mãos para que eles não entrem para cercar o terreno para depois ficar falando que comprou o terreno mas não comprou. Por causa disso nós não queremos que entre ninguém no

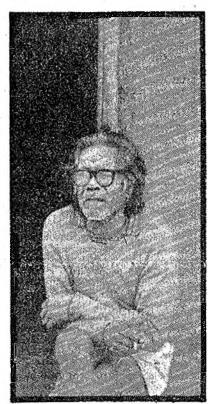
Aqui está para sair a briga por causa do terreno, eles estao duro e nós estamos botando duro. Tá para morrer gente, aqui tá civilizado o índio.

Se a FUNAI não demarcar o terreno logo aqui vai dar pau e vai morrer A FUNAI não está colaborando co-

nosco. Ela está colaborando conosco mas não quer demarcar o terreno do jeito que nós queremos que eles demar-cam para nosco ficar dentro do que é

Agora não sei quando vai ser demarcado o terreno aqui. Somente isto sobre o terreno.

Assina Capitão Grossinho e Augus-



Capitão Grossinho, o chefe índio apinajé

Aldeia São José. 2/10/80

Amigo Roberto eu te pesso um favor para vocês porque eu quero ir ao Rio de Janeiro para falar com o Pai Grande. Sa vê que vocês pode, me ajudar

KRÅNGA-BRÉH

para eu ir para lá. Se vê que não pode mande a resposta imediato.

Eu quero ir para saber como é que vai ficar a demarcação do nosso terreno. Se vai sair ou não vair sair. Aqui nós já batemos no peão do

fazendeiro. Nesse dia quase que nós ir brigar só por causa disso. Nós estamos (...) para

que o terreno saia logo. Somente isto sobre o terreno.

Eu quero que vocês mande remédios para nois. Por que aqui só as crianças estão doentes, muita criança dando febre e gripe. Os velhos também tem muito adulto também doente.

Somente isto, um forte abraço para vocês do Capitão Grossinho e do Augustinho Fernandes.

FUNAI NÃO ACHA CARTA E CRIA OUTRA **COMISSÃO**

RASÍLIA — De Brasília, o assessor de imprensa da Fundação Nacional do Índio, Silvio Raine, diz que o órgão ainda não localizou a carta enviada pelo Capitão Grossinho: deve estar circulando entre os diversos departamentos.

Da mesma forma, o Departamento Geral de Operações e o Departamento Geral de Projetos Comunitários não deram nenhum parecer sobre a proposta do Capitão Grossinho.

Quanto a área pleiteada pelos apinajes, a Funai informa que outra Comissão será constituída pelo Coronel Claudio Pagano - diretor do Departamento Geral do Patrimônio Indígena para inspecionar uma vez mais a aldeia São José e ver a real dimensão das terras. Mas, segundo assessores da direção da Funai, evita-se comentar a ampliação de áreas indígenas. A razão, dada por eles, é impedir repetição de massacres como os que ocorreram no Xingu e no Gorotire (Pará) e, também, para que os índios não fiquem frustrados diante de promessas.